

Italianos na cidade do Rio de Janeiro: uma comunidade (re)descoberta

Italians in the city of Rio de Janeiro: a community (re)discovered

João Fábio Bertonha*

Doutor em História Social/Unicamp
fabiobertonha@hotmail.com

RESUMO: Os estudos a respeito da imigração italiana no Brasil tendem a privilegiar, por razões demográficas e também culturais, os Estados do sul do país e os de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo, sendo menos numerosos os relativos aos imigrantes italianos no resto do país. Essa lacuna inclui as comunidades urbanas do Nordeste e da Amazônia e a importante coletividade instalada na cidade do Rio de Janeiro desde a época imperial. Recentemente, contudo, essa última tem sido objeto de vários estudos e textos, que têm conseguido recuperar a história desse grupo, dos mais importantes dentro da imigração italiana urbana para o Brasil. O presente artigo procura dialogar com essa nova produção, identificando avanços, sugerindo caminhos e criticando suas possíveis falhas e problemas.

Palavras-chave: imigração italiana; Rio de Janeiro; imigrantes urbanos.

ABSTRACT: *For demographic and cultural reasons, studies on the Italian immigration to Brazil have tended to concentrate on the states of São Paulo, Minas Gerais and Espírito Santo, as the number of Italian immigrants in the rest of the country is relatively low. There is a gap in studies concerning the urban communities of the Northeast and Amazonia, and the important collective in the city of Rio de Janeiro present since the imperial period. Recently, however, the latter has been the object of several studies and texts, which have succeeded in retrieving the history of this group, among the most important groups of urban Italian immigration to Brazil. This article seeks to dialogue with this new production, identifying advances, suggesting new pathways and criticising its possible failures and problems.*

Keywords: *Italian immigration; Rio de Janeiro; urban immigrants*

* Doutor em História Social/Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com estágios de Pós-doutorado na Università di Roma (La Sapienza) e na Universidade de São Paulo e especialista em assuntos estratégicos internacionais pela National Defense University (EUA). Professor de História Contemporânea na Universidade Estadual de Maringá/ e pesquisador do CNPq. Autor de vasta obra, incluindo mais de uma dezena de livros, no campo dos estudos do fascismo, relações internacionais, defesa, imigrações, história da Itália e dos EUA. fabiobertonha@hotmail.com

Introdução

Podemos falar da presença italiana no Brasil desde o início da colonização portuguesa. Seja como marinheiros, viajantes, comerciantes ou cientistas, os italianos estão presentes desde sempre na história do Brasil. Era, porém, uma presença reduzida e sem grande expressão numérica (Trento, 1989, capítulo 1).

Essa situação se modificou a partir dos anos 80 do século XIX. Premidos por contínuas crises econômicas e pela expansão do capitalismo nas zonas rurais italianas (Alvim, 1986; Franzina, 1976; Bertonha, 2005, cap. 3), as quais produziam miséria e falta de perspectivas, os italianos se lançaram - contando também com o apoio decidido de diversos grupos sociais que lucravam com seu transporte e saída - à aventura da emigração: 20 milhões de italianos emigraram entre 1861 e 1940, sendo o saldo migratório negativo de cerca de 8 milhões de pessoas (SORI, 1979). Destes, cerca de 1 milhão e 500 mil vieram para o Brasil (sendo 1 milhão entre 1870 e 1920). Muitos reemigraram ao se defrontarem com as péssimas condições de vida e de trabalho oferecidas. A maioria, porém, ficou no país, dando uma nova face política, econômica e cultural a este.

Cerca de 70% desses italianos vieram para São Paulo, mais precisamente, para as imensas fazendas de café do estado, cujos proprietários buscavam fontes de mão de obra barata aptas a manter seus cafezais produzindo num contexto em que o sistema escravista apresentava problemas e dificuldades.

Inicialmente, os italianos trabalharam no sistema de parceria, mas, com o fracasso deste (Wagner, 1989; Hall e Stolcke, 1984), foram canalizados para o de colonato nas imensas fazendas paulistas, onde esperavam “fazer a América” e reconstruir, em alguns casos, um universo econômico e cultural que estava sendo destruído na Itália (Alvim, 1986).

O contexto que os italianos encontraram não era, porém, dos melhores. Ao invés do paraíso onde encontrariam trabalho, pão e terra, os italianos defrontaram-se com uma classe política e economicamente dominante interessada em usá-los para substituir uma população já existente e que a preocupava - a escrava (Azevedo, 1987) - e, sobretudo, como mão de obra barata e facilmente substituível.

Introduzidos de forma tão abrupta num sistema montado com todo o cuidado para manter salários baixos e mão de obra sob controle (Hall, 1979), os imigrantes italianos reagiram de inúmeras maneiras: violências, greves etc. Outra forma de luta foi a fuga, com os imigrantes retornando à Itália ou indo para outro país de emigração.

Nem todos os trabalhadores que fugiram das fazendas deixaram, porém, o país. Um número considerável foi para as cidades, especialmente para São Paulo, onde foram responsáveis por muitos dos novos serviços e misteres urbanos que surgiam (Trento, 1989; Bertonha, 2004) e constituíram a primeira geração do operariado paulista, enfrentando as vicissitudes e os problemas advindos de sua condição de imigrante (Hall, 1975; Maram, 1979;

Bertonha, 1998 e 2010). Formaram também uma opulenta classe burguesa, especialmente no ramo industrial, com nomes como Matarazzo, Crespi, Gamba e outros se destacando (Bertonha, 1999a, 2000; Martins, 1976 E 1981; Costa Couto, 2004, entre outros).

No segundo grande polo de imigração italiana no Brasil - o Sul e, em especial, o Rio Grande do Sul -- a situação era diversa: os imigrantes europeus foram introduzidos não para serem empregados, mas para povoar a terra. Respondendo aos interesses econômicos e geopolíticos do governo brasileiro, os italianos tiveram que lutar muito para superar o isolamento e o trabalho árduo nas pequenas propriedades. Como em São Paulo, alguns também foram para as cidades gaúchas e criaram outras, introduzindo-se na área do artesanato e dos serviços urbanos (Trento, 1989; Petrone, 1984, Borges, 1986, entre muitos outros).

Já nas capitais e principais cidades do Norte, Nordeste e Centro-Oeste, instalou-se um tipo de imigração italiana diferente, com uma representatividade numérica menor, centralmente do *Mezzogiorno* italiano e com ênfase nos afazeres urbanos. Nesse contexto, em Belém, Recife ou Salvador, os italianos foram inicialmente pequenos comerciantes e artistas ou trabalhavam nos serviços urbanos, para depois tornarem-se comerciantes e industriais.

Tais italianos tinham uma característica que lhes dava certa especificidade: eles vinham diretamente, na maior parte dos casos, da Itália para o trabalho urbano, o que os fazia diferentes dos imigrantes italianos em São Paulo e no Sul que, como visto, passavam normalmente pelo campo antes de vir para a cidade.

Claro que havia muitos italianos, especialmente os meridionais depois de 1902, que chegavam a São Paulo ou Porto Alegre (Constantino, 1994), por exemplo, sem passar pelas fazendas. Em termos proporcionais, porém, a percentagem de italianos nessas condições era maior nas capitais do Norte e do Nordeste e no Rio de Janeiro e isso faz dessa imigração algo particular.

Algumas tentativas de estudos regionais capazes de dar conta da experiência desses grupos têm aparecido nos últimos anos (cf. Andrade, 1990, 1992, 1993 E 1995; Azevedo, 1989; Mello, 1990 E 1995; Emmi, 2007, entre outros) e são positivos. Tais estudos talvez não supram todas as falhas no nosso conhecimento, mas, dado o fato inegável que essas comunidades foram numericamente menos importantes, tais lacunas poderiam ser consideradas menores numa visão de conjunto.

Nesse contexto, cumpre ressaltar a presença de duas omissões de maior importância dentro da historiografia, ou seja, as de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. De fato, diante do enorme volume de bibliografia disponível sobre o tema da imigração italiana em São Paulo, nos estados do Sul e no Espírito Santo, as lacunas bibliográficas sobre esses dois polos da imigração italiana no Brasil são, realmente, bastante significativas. Tanto é assim que Zuleika Alvim (1994) chamou, corretamente, os italianos de Minas Gerais, os quais fizeram parte tanto da colonização agrícola como da urbana, de “homens esquecidos”.

A situação mineira não é nosso foco aqui, mas o caso do Rio de Janeiro é realmente de se estranhar. Com efeito, até recentemente, pouco se havia pesquisado sobre os italianos do Rio de Janeiro. Isso é espantoso pois, como explicitado, dos três grandes tipos de imigração italiana para o Brasil - colonato do café, pequenos proprietários e trabalhadores urbanos -, o Rio de Janeiro constituiu-se no principal campo de atuação do terceiro tipo, sendo que mereceria, pois, ser mais bem conhecido.

Os italianos no Rio de Janeiro

É difícil saber quando começou a imigração italiana para o Rio de Janeiro, mas há indícios de que, entre os poucos italianos presentes no Brasil antes de 1880, parte razoável estava na cidade, dedicando-se, como dito anteriormente, aos afazeres urbanos. Alguns milhares vieram depois, mas não muitos se compararmos a São Paulo ou mesmo a outras imigrações vividas pelo Rio de Janeiro (como a portuguesa) no período. Isso era compensado, porém, por uma migração de italianos de outros estados para o Rio. Dessa forma, segundo os censos, o número de italianos no Rio de Janeiro subiu de 20 mil em 1895 para 30 mil em 1901, 35 mil por volta de 1910, 32 mil em 1920 e 22 mil em 1940 (Trento, 1989, p. 102-103).

A maioria dos italianos que imigraram para o Rio de Janeiro era de meridionais, o que faz essa imigração diferente da paulista ou da gaúcha e se aproxima do padrão verificado nas capitais do Nordeste. No período da grande emigração, antes da Primeira Guerra Mundial, os italianos eram ligados basicamente ao comércio ambulante, do qual detinham um quase monopólio. Eram vendedores de peixe, aves, vassouras, legumes, jornais, vasilhas etc. Já em 1874, as autoridades italianas comentavam que o comércio ambulante era o principal meio de vida dos italianos no Rio, tendência esta que se acentuou no decorrer do tempo.

Outra profissão predominantemente italiana era a de engraxate; outros eram alfaiates, barbeiros e marceneiros. Com o correr do tempo, foi-se formando uma classe de profissionais (jornalistas, artesãos etc.) e outra de comerciantes e industriais. A maioria dos imigrantes italianos continuou, porém, a trabalhar nesses serviços urbanos. Tais informações formam, na verdade, o quadro comum de conhecimentos com que nos defrontamos regularmente quando mencionamos a comunidade italiana do Rio: em número relativamente pequeno, concentrados em trabalhos urbanos e meridionais. Fora isso, até recentemente, pouco sabíamos sobre a experiência italiana no Rio de Janeiro.

Como bem indicado por autores como Ismênia Martins (2010 e 2010a) ou Maria Izabel do Carmo (2010), esse quase esquecimento dos italianos cariocas se deve, em boa medida, a fatores objetivos como a simples força numérica da imigração italiana para os estados do Sul e para São Paulo e a influência das universidades paulistas, além de uma demanda social particular nessas regiões, cujas identidades se constituíram, em boa medida, a partir da experiência imigrante.

Tais fatores acabaram por gerar, segundo essas autoras, uma concentração de estudos a respeito dos imigrantes que se dirigiram a esses estados, com a conseqüente formação de uma lacuna nos estudos sobre os imigrantes urbanos, em especial os do Rio de Janeiro. Essa lacuna existe e a questão da base material da produção do conhecimento histórico realmente importa para explicá-la. Basta recordar, a propósito, como o fato de boa parte da historiografia a respeito da imigração italiana no Brasil ser marcada por uma ênfase no caso paulista gerar queixas dos gaúchos (Constantino, 2011) ou dos cariocas, como visto anteriormente. Ou como, nos três volumes organizados por De Boni (1987, 1990 e 1995) e publicados em Porto Alegre, sobre os italianos no Brasil há, entre os artigos com tons regionais, uma superexposição dos casos da região Sul. A produção histórica responde, pois, a ditames práticos, de capacidade de sustento da pesquisa e dos pesquisadores e também às demandas sociais, que podem ser maiores ou menores conforme a região.

Não obstante, devemos ter um pouco de cuidado com essas questões, pois o simples peso numérico demanda que, numa avaliação global, o caso paulista tenha mais importância do que o gaúcho, esse mais relevância do que o carioca e assim por diante. Com o que é possível concordar plenamente é que, independentemente de disputas por poder e influência acadêmica ou dentro do campo de estudos, trabalhos relacionados a áreas menos centrais do mundo italiano no Brasil eram raros até pouco tempo atrás e que eles eram e seriam mais do que bem-vindos.

Isso tem acontecido nos últimos anos e a historiografia da imigração para o Rio de Janeiro tem dado uma atenção cada vez maior ao caso dos italianos, o que nos permite ter, felizmente, um quadro muito mais rico e matizado da experiência italiana no Rio.

Os italianos no Rio e a nova historiografia: avanços e dilemas

Os novos estudos sobre a temática nos tem permitido avançar em inúmeras direções. Em primeiro lugar, temos descoberto a existência de grupos sociais relativamente desconhecidos, como os pequenos proprietários, não tanto na cidade, mas especialmente no interior do estado. Além do caso já conhecido (Secchi, 1998; Saccon, 2003, entre outros) de Porto Real (uma das primeiras experiências de colonização agrícola italiana no Brasil, em 1875), constatou-se que, na região de Varre-Sai, noroeste fluminense, havia uma comunidade oriunda do Lazio que praticamente igualava, em número, a de origem portuguesa (Bartholazzi, 2010). Na zona rural carioca, aliás, temos identificado, igualmente, outros imigrantes “esquecidos”, como os japoneses (INOUE, 2010).

Também somos capazes, hoje, de ter um quadro mais preciso da representatividade numérica dos italianos no Rio de Janeiro, especialmente em relação a outros grupos de imigrantes. Dessa forma, Martins (2010, p. 21-22) indica como, em 1872, havia 1.738 italianos na capital imperial, frente a 55.593 portugueses, 2.884 franceses e quase 18 mil africanos, num

total de 84.279 estrangeiros. Em 1906, os italianos seriam 25.557, 12,14% dos estrangeiros (210.515 pessoas) numa população total de 811.443. Já no censo de 1910, frente a 1.157.873 de habitantes da cidade, os italianos seriam 21.929, 9,12% de uma comunidade de 240.392 estrangeiros.

Os esforços mais recentes nos permitem ter uma precisão numérica ainda maior, tanto dentro do Estado como na própria cidade do Rio de Janeiro (Martins, 2010 e 2010a). Nesse sentido, Maria Izabel do Carmo (2012, p. 80-81; 161-162) apresenta, em detalhes, os padrões de moradia dos italianos no Rio, com presença inicial marcante no Centro da cidade (como nas antigas freguesias de Sant'Anna e Santo Antônio) e, posteriormente, nos subúrbios e em áreas mais privilegiadas, como a Glória e Espírito Santo, o que indica a ascensão social de ao menos uma parte dos imigrantes.

A mesma autora (2010, p. 121-124) avança na questão da inserção social e indica como as ocupações centrais dos italianos estavam, num primeiro momento, centradas no comércio ambulante, no pequeno comércio de bairro, e em trabalhos braçais diversos, confirmando as concepções clássicas. Num momento posterior, contudo, de forma semelhante ao ocorrido em São Paulo, houve uma ascensão social e muitos italianos tornaram-se artesãos, comerciantes (com um curioso monopólio do setor da distribuição de periódicos - Labanca, 2012), profissionais liberais e pequenos industriais. Não se formou, como em São Paulo, uma burguesia industrial de peso, mas o cenário, a partir da década de 1920, se desdobra, saindo do quadro aparentemente estático que tínhamos delineado antes.

Os dados aqui levantados diferem um pouco dos tradicionais, mas não de forma radical. O mais interessante a observar é como a comparação com as outras comunidades indica que, se os portugueses eram predominantes entre os estrangeiros, os italianos também tinham a sua importância, dividindo sempre com os espanhóis a segunda posição. A colônia italiana não era, assim, tão inexpressiva como a maioria dos trabalhos ditos “clássicos” tende a mostrar (cf. Carmo, 2010; Martins, 2010a).

Ainda assim, acredito que não podemos esquecer a questão da proporcionalidade e de escala e deixar de reconhecer que, diante da imensa presença italiana nos estados do Sul, no Espírito Santo e em São Paulo, a experiência italiana no Rio foi menor. Do mesmo modo, impossível negar a hegemonia, entre os estrangeiros da cidade do Rio de Janeiro, da comunidade portuguesa, o que se reflete na imensa gama de trabalhos já produzidos sobre ela. Não obstante, as novas pesquisas indicam como os italianos eram uma comunidade de importância e que a palavra “imigrante”, no contexto carioca, não era sinônimo de “português”.

Também é possível observar como a coletividade italiana no Rio de Janeiro era mais jovem e masculina do que em São Paulo e no Sul (Carmo, 2010, p. 5). Algo natural, já que a imigração rural no Sul e em São Paulo era formada, em essência, por núcleos familiares, nos quais a presença de indivíduos idosos e de mulheres era comum. Numa imigração urbana, a tendência era a oposta, o que explica esses dados. Com relação à origem regional, a dissertação

de Maria Izabel do Carmo (2012) esmiúça os dados disponíveis sobre a temática, reafirmando que os meridionais formavam a base da comunidade italiana na cidade.

Ela refina tais dados, contudo, informando que, dentro do *Mezzogiorno*, era a Calábria a principal região de origem dos imigrantes, com ênfase na província de Cosenza. A autora consegue, até mesmo, reconstruir uma cadeia emigratória de trabalhadores da cidade de Foscaldo (CO) ao Rio de Janeiro no início do século XX. Tal rede teria sido centrada em Antonio Jacuzzi, natural de Foscaldo, um dos principais arquitetos que conceberam a renovação urbanística e arquitetônica da cidade na época. Jacuzzi teria chamado inúmeros dos seus conterrâneos, na maioria trabalhadores acostumados ao trabalho em pedra, para empregos nessa área naqueles anos (Carmo, 2012, p. 170-171).

Nesse aspecto, fica a sugestão de um maior cuidado em termos comparativos e transnacionais, o que permitiria uma compreensão maior desse tipo de imigração italiana. Os meridionais que emigraram para os Estados Unidos, por exemplo, também se dirigiram, centralmente, para o trabalho urbano, nas fábricas, minas e cidades. Esse padrão que identificamos no Rio de Janeiro (um número pequeno de imigrantes do *Mezzogiorno*, normalmente de regiões ou aldeias próximas, e controlando um ou mais setores da economia urbana em cidades em modernização) também não foi único. Ele se repetiu, por exemplo, no caso já citado dos calabreses em Porto Alegre e em toda a América Central ou andina (cf. Cappelli, 2004 e 2009, entre outros). Nesse sentido, seria importante colocar a experiência carioca em uma perspectiva mais ampla.

A participação dos italianos na vida cultural e artística da cidade e na sua modernização arquitetônica também recebeu um tratamento mais amplo em outros textos (Weyrauch, 2010; Weyrauch, Fontes e Avella, 2007), trazendo novos detalhes e dados. Ainda assim, tal participação não espanta, pois era algo lógico e até esperado dado o prestígio dos italianos nesses campos e a sua participação em quase todos esses esforços de modernização no Brasil, e em toda a América Latina, naquelas décadas.

Começamos a saber mais, do mesmo modo, sobre a vida associativa dos italianos na cidade. Alguns trabalhos iniciais já foram feitos, ainda que de qualidade diversa (Vanni, 2000) e temos agora um quadro mais claro das associações e grupos italianos no Rio de Janeiro. Temos menções, de fato, a associações criadas no início do século XX, como a *Liga Capitular Fratellanza Italiana*, de auxílio mútuo, registrada em 11/02/1908, a *Società Italiana di Beneficenza e Mutuo Soccorso*, registrada em 21/06/1907 e *Società Operaria Fuscaldense di Mutuo Soccorso Umberto I*, registrada em 30/04/1907.

De destaque igualmente a *Società di Beneficenza e Mutuo Soccorso degli Ausiliari della Stampa*, fundada por 78 italianos distribuidores e vendedores de jornais em 1906, que funcionou por três décadas, com grande influência no mercado carioca de periódicos (Labanca, 2012). Essa primeira década do século XX, aliás, parece ser especialmente

importante para a coletividade, o seu auge, tanto que animou a publicação de alguns livros apologéticos, como os de Napoli (1911).

Outro filão que começa a ser explorado é o do imaginário dos italianos dentro da literatura ou da cultura popular carioca (Carmo, 2012) ou o existente sobre a cidade na Itália, como expresso nos relatos de viajantes italianos (Constantino, 2007). Outra frente de trabalho recém-explorada e de crucial importância é o da imprensa italiana, a respeito da qual os novos trabalhos tornaram mais nítido um quadro apenas delimitado em textos gerais como os meus (Bertonha, 2001a) e, especialmente, os de Ângelo Trento (1989, 1990, 2011).

Não podemos, com efeito, esquecer que o primeiro jornal em italiano do Brasil - *La Croce del Sud* - foi fundado justamente no Rio de Janeiro, por capuchinhos italianos, em 1765 e que, nas primeiras décadas do século XIX, eram publicados no Rio jornais como *Giovane Itália* e outros periódicos risorgimentales (Trento, 1989, p. 184-185).

Além disso, dos cerca de 500 jornais italianos publicados no Brasil até 1940, nada menos do que 64 o foram no Rio de Janeiro. Um número pequeno diante dos 300 títulos publicados na capital paulista, mas relevante especialmente frente aos 53 gaúchos e aos 10 paranaenses (Trento, 1989, p. 185). Além disso, enquanto a maior parte dos periódicos italianos do Brasil foi publicada entre 1889 e 1940 (Trento, 1990, p. 302), seguindo a onda imigratória italiana, a maior parte dos ítalo-cariocas o foi na primeira metade do século XIX, ainda que com alguns importantes na segunda metade do século XIX e no XX.

Dessa forma, nos jornais da coletividade italiana do Rio de Janeiro, é uma Itália diferente que se expressa, menos operária e menos nacionalista, provavelmente, do que a de São Paulo. Ou, para ser mais preciso, a Itália carioca de meados do século XIX (como suas irmãs em Buenos Aires, Montevideu e outros locais) era defensora de um tipo diferente de nacionalismo, mais voltado aos direitos civis e associando nacionalismo com lutas sociais e progresso. Esse tipo de nacionalismo garibaldino também existiu em Porto Alegre, São Paulo e outros locais do Brasil, mas o Rio seria o laboratório perfeito para estudá-lo, já que era o centro mais italiano do Brasil no momento que essa versão de nacionalismo italiano estava no auge.

Cumprido ressaltar, a propósito, alguns trabalhos de Alexandre Belmonte (2011 e 2011a), no qual ele acompanha a vida de Pietro Orlandini, comerciante bolonhês nascido em 1813 e que chegou ao Rio de Janeiro em 1838. Ele enriqueceu na cidade e colaborou, em vários momentos, com o processo de unificação da Itália. Ele participou, por exemplo, da subscrição lançada entre os italianos da cidade para a aquisição de armas e munições que deveriam ter sido enviadas a Garibaldi em 1860 (Belmonte, 2011, p. 7) e circulava entre os vários jornais que proclamavam a necessidade de unificação da Itália num padrão garibaldino. Um simples exemplo de uma identidade italiana particular e que mereceria maior atenção.

Diante dessa riqueza e malgrado alguns estudos específicos que começam a formar um quadro inicial (cf. Santos, 1999 e 2007; Belmonte, 2011 e 2011a), os textos sobre a

imprensa ainda são poucos, revelando-se um filão a ser explorado. Mesmo alguns jornais pós-risorgimentales seriam merecedores de trabalhos específicos, como os publicados durante a Primeira Guerra Mundial - *La Nuova Italia* (1915) e *Il Maciste Coloniale* (1917) – e o *Bersagliere*, o qual durou nada menos do que 24 anos, entre 1891 e 1914. Esse último recebeu, aliás, um breve e útil comentário de Pedro Laperla (2012), mas haveria espaço para muito mais.

Um tópico que mereceria especial atenção é o da relação dos italianos do Rio de Janeiro com o mundo da política. O Rio de Janeiro, afinal de contas, era a capital do Império e da República e essa proximidade do poder influenciava, inevitavelmente, a relação dos movimentos políticos e sociais da cidade com o Estado. Com os italianos, de esquerda ou de direita, havia, além disso, a presença da Legação (depois Embaixada) italiana na própria cidade ou nas proximidades. Era esse um diferencial importante, que podia facilitar a vida da comunidade em vários aspectos ou a repressão e a vigilância, no caso de opositores ao Estado.

Recordando a temática do fascismo e do antifascismo, com a qual trabalhei anteriormente (Bertonha 1999 e 2001), fica evidente como, apesar de o *fascio* do Rio de Janeiro não ter conseguido controlar completamente a colônia e de ter sido até asperamente criticado por sua inatividade e insignificância em 1924 por Pietro Belli (RIOS, 1959, p. 57), ele teve uma atividade bastante razoável em comparação com outros *fasci all'estero* presentes no Brasil.

Os números do *fascio* do Rio de Janeiro impressionam especialmente se comparados com os de São Paulo, o qual, atuando numa área com uma população italiana substancialmente superior, não tinha mais de 1.755 filiados em 1928, contra cerca de 1.000 do *fascio* do Rio na mesma época. A composição social da colônia italiana no Rio (com, naquele momento, muitos comerciantes e artesãos e poucos operários) e a presença onipresente da embaixada italiana (controlando e potencializando diretamente as atividades fascistas) parecem explicar essa maior atividade e sucesso do *fascio* do Rio que, não por acaso, recebeu uma menção honrosa da *Segretaria Generale dei fasci all'estero* em março de 1935.

Houve, contudo, um foco de antifascismo no Rio de Janeiro, talvez o mais importante depois do de São Paulo. Ele começou já em 1924, quando Giovanni Infante criou a *Unione Democratica* e prosseguiu por vários anos, quando os antifascistas tentaram se opor ao avanço fascista na *Società Italiana di Benemerenzza e Mutuo Soccorso* e mantiveram grupos e associações como a *Federazione Regionale Sindicale Antifascista*, a LIDU, a *Italia Libera*, a *Fratellanza Italiana* e outras, além de alguns jornais. Seus líderes-chave eram Giuseppe Scala, Giuseppe Scarrone, Salvatore de Rosa, Nello Garavini e outros. O historiador Marcello Scarrone (2013) explorou recentemente o universo dos antifascistas italianos do Rio de Janeiro, indicando suas particularidades, vantagens e dificuldades específicas em termos de acesso ao poder ou especial atenção da repressão brasileira e da embaixada.

Utilizei o exemplo do fascismo e do antifascismo, mas a reflexão pode ser estendida a outros movimentos e grupos. Anarquistas, socialistas, fascistas, garibaldinos e outros

milитantes italianos tinham, no Rio de Janeiro, a desvantagem de atuarem num meio no qual os italianos eram minoria e o italiano não era língua corrente, como em São Paulo. No entanto, o fato de estarem tão perto do poder e das representações estrangeiras trazia vantagens e desvantagens e explorar tal situação seria um exercício promissor.

Outro ponto a explorar é a própria construção da identidade italiana no contexto carioca, que diferiu da experiência paulista e da do Sul. A ideia de Maria Izabel do Carmo (2010, p. 8-10) de que a construção da identidade italiana no Rio seguiu um caminho diferente da de São Paulo (e ainda mais da do Rio Grande do Sul e outros estados do Sul, onde se aproximou do catolicismo), até porque os italianos, na capital federal, eram minoritários, é, no mínimo, instigante. Realmente, num contexto visível de minoridade numérica e com uma coletividade mais antiga, a formação de uma identidade italiana deve ter seguido caminhos diversos da de outros locais e tal hipótese mereceria realmente novos estudos.

Os contatos dos italianos com os brasileiros, os portugueses e com outros grupos também não estão completamente claros e mereceriam ser investigados. Há exemplos, na historiografia e na literatura, da solidariedade de italianos com seus conterrâneos e mesmo com outros estrangeiros assim como de conflitos, especialmente com os portugueses.

Faltam, de fato, mais informações sobre a inserção do grupo italiano na vida local, suas lutas e conflitos, sua adaptação ao Rio dos séculos XIX e XX e, especialmente, sobre as trocas culturais deste grupo em um ambiente onde eles não estavam isolados (como no Sul) e nem eram maioria (como em São Paulo). Seria curioso examinar as relações culturais dos italianos com outros grupos étnicos existentes na cidade e, em particular, com dois dos mais representativos, ou seja, os imigrantes portugueses e os negros.

No tocante aos portugueses, uma primeira observação interessante pode ser encontrada no texto do diplomata italiano Umberto Sala (2005, p. 114-115). Escrevendo em 1925, ele afirmava que o Rio de Janeiro não atraía muitos imigrantes italianos pelo seu clima tropical e também pela abundância de trabalhadores na cidade e no estado. Ele mencionava, igualmente, como a concorrência dos portugueses na cidade do Rio de Janeiro inibia a fixação, naquela urbe, de uma grande coletividade italiana. A diplomacia italiana também reportava regularmente a inimizade geral dos portugueses do Brasil com os italianos (Bertonha, 2001, pp. 360-361).

Discutir as razões dessa inimizade seria tarefa que extrapola, obviamente, os limites deste artigo. Parece provável, porém, que a competição por espaços econômicos e por trabalho entre os dois grupos tenha conduzido a certa tensão entre as comunidades. Algo geral para todo o país, mas que devia ter configurações muito diversas no Rio de Janeiro ou em outras cidades litorâneas, como Santos ou as capitais do Nordeste, onde a influência da coletividade lusitana era preponderante. Outro tópico, pois, que mereceria aprofundamentos.

Por fim, sair dos limites da cidade do Rio de Janeiro e do período anterior à Segunda Guerra Mundial poderia ampliar bastante nossos conhecimentos sobre o Estado do Rio como

um todo, mas os trabalhos ainda são poucos. Além do já mencionado, os textos de Ângela de Castro Gomes (1999 e 2000, entre outros) sobre a imigração italiana em Niterói nos anos posteriores a 1945 são uma feliz exceção, os quais que deveriam e poderiam ser replicados.

Considerações finais

Os historiadores demoraram - seja por motivos práticos ou até mesmo por certa incapacidade de visualizar um Rio de Janeiro imigrante que não fosse português - para começarem a estudar a imigração italiana para o Rio de Janeiro e não resta dúvida que temos muito a trabalhar para fechar as inúmeras lacunas e questões que ainda temos sobre tal experiência. Em História, é muito difícil afirmar que um tema está esgotado, pois novas problemáticas, fontes e perguntas sempre surgem. No entanto, para o tema estudado, tal afirmação seria ainda menos válida, pois estamos apenas arranhando uma experiência imigratória ainda pouco conhecida. Como indicado no decorrer deste artigo, perguntas foram respondidas, mas novas questões e dúvidas continuam a aparecer, o que é sempre positivo.

Para os que estudam a história da cidade e do Estado do Rio de Janeiro, o resgate da experiência da imigração italiana é válido no sentido de acrescentar uma nova faceta, de grande importância, à história social, econômica, cultural e política da cidade. Já para os estudiosos da imigração europeia e italiana, compreender melhor o aspecto mais diretamente urbano da imigração italiana nos ajuda a quebrar associações que tradicionalmente fazemos, no caso brasileiro, de "italianidade" com o catolicismo, a cultura veneta, a vida rural ou mesmo a tradição operária, tão presentes no contexto paulista ou dos estados do Sul.

Em seus trabalhos, Ismênia Martins (2010 e 2010a) comenta como o resgate da experiência italiana na cidade e no estado do Rio de Janeiro pode facilitar a produção de estudos comparados com o resto do Brasil e enriquecer a historiografia tradicional sobre o tema. Não poderia estar mais de acordo. Resta esperar apenas que esse esforço não fique no campo regional e se conecte realmente com a historiografia nacional e mesmo internacional, o que permitirá um diálogo mais fecundo e um avanço não apenas da historiografia carioca, mas também da nacional e da mundial.

Referências Bibliográficas

- ALVIM, Zuleika. *Brava Gente: Os italianos em São Paulo, 1870-1920*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- . "Italiani Dimenticati". In: BLENGINO, Vanni. *La Riscoperta delle Americhe - Lavoratori e sindacato nell'emigrazione italiana in America Latina, 1870-1970*. Milano: Teti Editore, 1994, pp. 434-443.
- ANDRADE, Manuel Correia. "Italianos em Pernambuco". In: DE BONI, José Luiz (org.). *A presença italiana no Brasil*, v. 2, Porto Alegre: EST; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, pp. 107-124.
- . *A Itália no Nordeste - Contribuição italiana ao Nordeste do Brasil*, Torino: Fondazione Giovanni Agnelli; Recife: Fundação José Nabuco, 1992.

- . “A colônia italiana em Pernambuco nos anos 20 e 30”. *Quaderni*, São Paulo, Nova Série, 5: 79-94, 1993.
- . “A colônia italiana em Pernambuco nas décadas de 20 e 30”. In: DE BONI, José Luiz (org.). *A presença italiana no Brasil*, v. 3, Porto Alegre: EST; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1995, pp. 57-67.
- AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites – século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- AZEVEDO, Thales. “Italianos na Bahia”. In: *Italianos na Bahia e outros temas*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1989, pp. 13-60.
- BARTHOLAZZI, Rosane Aparecida. “Os imigrantes italianos do noroeste fluminense na documentação arquivística italiana”. In: MARTINS, Ismênia; HECKER, Alexandre. *Migrações, histórias, culturas, trajetórias*. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2010, pp. 163-175.
- BELMONTE, Alexandre. “O “nascimento” de italianos no Rio de Janeiro imperial, antes da unificação italiana”. *Revista Uniabeu*, 4, 7:1-17, 2011.
- . *De “carcamanos” a italianos: a construção de uma identidade cultural comum entre os itálicos residentes no Rio de Janeiro (1840-1860)*. Tese de Doutorado (História). Rio de Janeiro, UERJ, 2011^a.
- BERTONHA, João Fábio. “Trabalhadores imigrantes entre identidades nacionais, étnicas e de classe: o caso dos italianos de São Paulo, 1890-1945”. *Varia História*, 19:51-67, 1998.
- . *Sob a Sombra de Mussolini: os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo, 1919-1945*. São Paulo: Annablume, 1999.
- . “Comendatori, Cavalieri e grand’ufficiali a serviço do fascio: A burguesia italiana de São Paulo e o fascismo, 1919-1945”. *Pós História*, 7: 53-73, 1999^a.
- . “Conde Francesco Matarazzo e o ser italiano no Brasil: o enfoque biográfico na pesquisa sobre a colonização italiana em São Paulo”, *Revista Eletrônica de História do Brasil*, 4, 1: 16-27, jan/jun 2000.
- . *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.
- . “A Imprensa italiana em São Paulo, 1880-1945”. *Insieme – Revista da Associação dos Professores de Italiano do estado de São Paulo*, 8: 104-112, 2001^a.
- . *A Imigração Italiana no Brasil*. São Paulo: Saraiva, 2004.
- . *Os Italianos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- . “Trabalhadores imigrantes entre fascismo, antifascismo, nacionalismo e lutas de classe: os operários italianos em São Paulo entre as duas guerras mundiais” In TUCCI CARNEIRO, Maria Luísa; CROCI, Federico; FRANZINA, Emílio. *História do trabalho e Histórias da imigração: trabalhadores italianos e sindicatos no Brasil (séculos XIX e XX)*. São Paulo: Edusp, 2010, pp. 65-83
- BORGES, Stella, “Os italianos e o movimento operário em Porto Alegre”. *Estudos Ibero americanos*, 22, 2: 129-156, 1996.
- CARMO, Maria Izabel Mazini do. “Os italianos no Rio de Janeiro (s CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *O Italiano da Esquina: Imigrantes na sociedade Porto-Alegrense*. Porto Alegre: EST, 1994.
- . “Descrição e motivação: Rio de Janeiro por viajantes italianos na segunda metade do século XIX”. *La Salle - Revista de Educação, Ciência e Cultura*, 12, 2: 31-56, 2007.
- . “Estudos de imigração italiana: tendências historiográficas no Brasil meridional”. In *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, 2011. Disponível em <http://www.igtf.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/06/Estudos-de-imigra%C3%A7%C3%A3o-italiana.pdf>. Acesso em 29/5/2013.
- COSTA COUTO, Ronaldo. *Matarazzo. Colosso Brasileiro*. Rio de Janeiro: Planeta do Brasil, 2004.
- DE BONI, José Luiz (org.). *A Presença Italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 3 volumes, 1987, 1990 e 1996.
- EMMI, Marília Ferreira. *Raízes Italianas no Desenvolvimento da Amazônia: pioneirismo econômico e identidade*. Tese de Doutorado (Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido). Belém: Universidade Federal do Pará, 2007.
- FAUSTO, Bóris. *Historiografia da Imigração para São Paulo*. São Paulo: Sumaré, 1991.
- FRANZINA, Emílio. *La Grande Emigrazione - L'esodo dei rurali del Veneto durante il secolo XIX*. Padova: Marsilio, 1976.

- GOMES, Ângela de Castro. *Histórias de família : entre a Itália e o Brasil*. Niterói: Muiraquitã, 1999.
- . “A pequena Itália de Niterói: uma cidade muitas famílias”. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000, v. 1, p. 66-103.
- HALL, Michael. “Emigrazione italiana a San Paolo tra 1880 e 1920”. *Quaderni Storici*, 9, 25: 138-169, 1974.
- . “Immigration and the Early São Paulo working class”. *Jahrbuch fur Geschichte von Staat, Wirtschaft und Gesellschaft Lateinamerika*, 12: 393-497, 1975.
- . “Italianos em São Paulo”. *Anais do Museu Paulista*, 29: 201-215, 1979.
- . “Trabalhadores Imigrantes”. *Trabalhadores*, 3: 3-15, 1989.
- HALL, Michael e STOLCKE, Verena. “A introdução do trabalho livre nas fazendas de café de São Paulo”, *Revista Brasileira de História*, 6: 80-120, 1984.
- INOUE, Mariléia Franco Marinho. “Novas leituras da presença japonesa no Estado do Rio de Janeiro: uma abordagem baseada na associação dos acervos oral e iconográfico”. In MARTINS, Ismênia; HECKER, Alexandre. *Migrações, histórias, culturas, trajetórias*. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2010, pp. 69-82.
- LABANCA, Gabriel Costa. “A disputa pelo monopólio da distribuição e venda de jornais no Rio de Janeiro (1920-30)”. *Anais do Encontro de História (ANPUH/SP)*, São Paulo, 2012. Disponível em [http://www.encontro2012.sp.anpuh.org/resources/anais/17/1354554102_ARQUIVO_AdisputapelomonopoliodadistribuicaoeventadejornaisnoRiodeJaneiro\(1920-30\).pdf](http://www.encontro2012.sp.anpuh.org/resources/anais/17/1354554102_ARQUIVO_AdisputapelomonopoliodadistribuicaoeventadejornaisnoRiodeJaneiro(1920-30).pdf). Acesso em 27/5/2013.
- LAPEREA, Pedro. “Jornal da Comunità”. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. 79:90, 2012.
- MARAM, Sheldom. *Anarquistas, imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MARTINS, Ismênia. “A presença italiana no Rio de Janeiro”. In MARTINS, Ismênia; HECKER, Alexandre. *Migrações, histórias, culturas, trajetórias*. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2010, pp. 15-27.
- . “Italianos no Rio de Janeiro”. *Independências - Dependências - Interdependências, VI Congresso CEISAL 2010*, Toulouse: 2010. Disponível em <http://halshs.archives-ouvertes.fr/docs/00/50/31/13/PDF/IsmeniaMartins.pdf>. Acesso em 25/5/2013.
- MARTINS, José de Souza. *Conde Matarazzo - O empresário e a empresa*. São Paulo: Hucitec, 1976.
- . “Empresários e trabalhadores de origem italiana no desenvolvimento industrial brasileiro entre 1880 e 1914. O caso de São Paulo”. *Dados - Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 24, número 2: 237-264, 1981.
- MELLO, José Otávio. “Os italianos na transição da Paraíba”. In: De Boni, José Luiz. *A presença italiana no Brasil*, vol. 2, Porto Alegre/Torino, EST/Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, pp. 125-183.
- . “Historiografia e história dos italianos na Paraíba: uma revisão crítica”. In DE BONI, José Luiz (org.). *A presença italiana no Brasil*, v. 3, Porto Alegre: EST; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1995, pp. 68-90.
- NAPOLI, Michele. *La colonia italiana di Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1911.
- RIOS, José Arthur. *Aspectos políticos da Assimilação do Italiano no Brasil*. São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de SP, 1959.
- SACCON, Roberta. “Ricerca Storica sull'emigrazione italiana a Porto Real, Rio de Janeiro (Brasil)”. In FRANZINA, Emílio. *Gli emiliano romagnoli e l'emigrazione italiana in America Latina. Il caso modenese*. Módena: Centro Stampa Província di Módena, 2003, pp. 130-141.
- SALA, Umberto. *A Emigração Italiana no Brasil (1925)*, Tradução e apresentação de João Fábio Bertonha. Maringá: Eduem, 2005.
- SANTOS, Danúsia Torres dos. *A presença italiana no Rio de Janeiro*. (Dissertação de Mestrado em Língua e Literatura Italiana), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.
- . “L'immigrazione italiana a Rio de Janeiro: tracce storiche”. Texto disponível em <http://www.emigrazione-notizie.org/public/upload/downloads/L%20immigrazione%20a%20Rio.pdf>, 2007. Acesso em 25/5/2013.
- SCARRONE, Marcello. “Nello, Libero e Giuseppe: do Rio contra Mussolini. Percursos políticos do antifascismo italiano na Capital Federal (1922-1945). Tese de Doutorado (PPGHC/UFRJ), Rio de Janeiro, 2013.

SECCHI, Enrico. *Un sogno: la Merica! I miei 56 anni di Brasile. Diario di Enrico Secchi*. Finale Emilçia: Baraldini Editore, 1998.

SORI, Ercole. *L'emigrazione italiana dall'Unità alla Seconda Guerra Mondiale*. Bologna: Il Mulino, 1979.

TRENTO, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico - Um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo, Nobel, 1989.

———. "La stampa periodica italiana in Brasile, 1765-1945" in *Il Veltro - Rivista della Civiltà Italiana*, XXXIV, 3-4: 301-315, 1990.

———. *La costruzione di un'identità coletiva. Storia del giornalismo in lingua italiana in Brasile*. Viterbo: Sette Città, 2011.

VANNI, Júlio César. *Italianos no Rio de Janeiro: a história do desenvolvimento do Brasil partindo da influência dos italianos na capital do Império*. Rio de Janeiro: Comunita, 2000.

WAGNER, Reinhard. "Os parceiros de Ibicaba". *Trabalhadores*, 3: 30-35, 1989.

WEYRAUCH, Cléia Schiavo. *Deus abençoe esta bagunça: imigrantes italianos na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Eduff, 2010.

———. FONTES, Maria Aparecida Rodrigues e AVELLA, Aniello Ângelo. *Travessias Brasil Itália*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2007.

Recebido 10/10/ 2013